

Prefácio

Márcio Penna Corte Real
Rita Márcia Magalhães Furtado
Tadeu João Ribeiro Baptista

Queridos Márcio e Tadeu. Querida Rita Márcia. Fiquei muito feliz por seu convite a participar do livro que compuse-ram em parceria com seus coautores e suas coautoras, focalizando a relação da arte e da estética com os processos educacionais. Agradeço a oportunidade de ter acesso prévio aos temas abordados nos diferentes textos aqui compilados. Instigaram-me a refletir sobre os exercícios de sentir, de saber e de poder em práticas educacionais.

Lembrando que Paulo Freire usou o gênero epistolar para prefaci- ar, no ano de 1986, o meu livro *Educar para quê?*, decidi escrever uma singela carta dirigida, em seus nomes, aos coautores e às coautoras, às leitoras e aos leitores desta obra. No livro *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógi- cas e outros escritos*, Paulo Freire explica que as cartas “deveriam transpa- recer, na seriedade e na segurança com que fossem escritas, a abertura ao diálogo e o gosto da convivência com o diferente”, de tal modo que “o leitor ou leitora pudesse ir percebendo que a possibilidade do diálogo com o seu autor se acha nelas mesmas, na maneira curiosa com que o autor as escreve, aberto à dúvida e à crítica”.

As temáticas dos artigos e ensaios me suscitaram a lembrança de quando eu tinha dezoito anos e iniciava o curso de Filosofia. Foi naquela ocasião que, ao ver o filme *Ao mestre, com carinho*, tomei a decisão: quero ser professor.

Trinta anos mais tarde, ao rever o mesmo filme com uma turma de estudantes de Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina, compreendi a motivação que me havia instigado a dedicar minha vida profissio- nial à educação. A cena que uma vez mais me emocionou às lágrimas foi a da visita ao museu: o professor, protagonizado por Sidney Poitier, transgredindo os limites disciplinares da escola, organiza uma visita de

seus estudantes ao museu, possibilitando-lhes uma experiência estética de interação com o mundo da arte e da cultura.

A mesma emoção senti ao visitar o Instituto Cultural Cabañas, em Guadalajara (México). Eu degustava os gigantescos murais de José Clemente Orozco. A um certo momento, me encontrei com um grupo de estudantes de escola básica guiado pelo seu professor. Fiquei comovido ao observar o olhar deslumbrado daquelas crianças que mergulhavam e viajavam na história e na cultura de seu povo.

Convenci-me de que a experiência educacional é, fundamentalmente, uma experiência cultural. Tanto é que, tal como nos lembra Carlos Rodrigues Brandão, os movimentos de “educação popular” surgiram na América Latina como processos de lutas sociais no campo da “cultura popular”.

Com efeito, Clifford Geertz nos lembra que a cultura se constitui como trama sistêmica de padrões de significados. Ao ser produzida, sustentada e constantemente modificada pelas próprias pessoas em interação, a cultura configura os significados de cada ato, palavra ou informação elaborados pelas pessoas em relação. Segundo Manuel Castells, “significado” se constitui como representação simbólica das finalidades construídas por um ator social. “Finalidades” que, definidas pelo compartilhamento de decisões pessoais e interpessoais elaboradas em situações-limites, configuram atos-limites, ou seja, atos de criatividade coletiva que implementam estratégias de superação e solução de problemas enfrentados na práxis social. Nisto consiste, a meu ver, a experiência estética na prática educacional, muito bem estudada sob a perspectiva da formação docente na tese de Maria Conceição Coppete. Lembrando Nietzsche, Cynthia Farina enfatiza que a criatividade artística é oportunizada, particularmente, em circunstâncias trágicas: quando o campo de subjetividade pessoal e/ou coletiva entra em crise os sujeitos são interpelados a recriar os contextos que dão sustentação aos significados de suas vidas, de suas lutas, de suas culturas.

Por isso mesmo, a experiência intercultural, a qual venho procurando compreender e conceituar por meio de estudos e pesquisas, é particularmente criativa. O diálogo e o convívio intenso com pessoas e com contextos culturais diferentes colocam em cheque os nossos padrões de significados, banalizados pela rotina e pela insensibilidade, instigando-nos a autocríticas culturais radicais que abrem possibilidades de recriação de estratégias para enfrentarmos os problemas, ou seja, as contra-

dições e tensões que emergem nos contextos em que vivemos, particularmente nos contextos intersticiais dos campos identitários, subjetivos ou coletivos, que constituem, no dizer de Homi Bhabha, os “entre-lugares”, espaços de criatividade.

Uma experiência estética desse tipo é a que eu estava vivendo no momento em que recebi, por intermédio de Márcio Penna Corte Real, o convite a escrever este prefácio. Durante sete horas participei do #festivallulalivre, no dia 28 de julho de 2018, no largo dos Arcos da Lapa, no Rio de Janeiro. A experiência cultural vivida junto com uma multidão de oitenta mil pessoas, enlevada pela sucessão coordenada de eventos artísticos, constituiu um singular acontecimento político de coesão cultural entre lutas de resistência contra o golpe de estado que vem se instituindo no Brasil mediante a destituição da presidenta democraticamente eleita e pela prisão ilegítima do maior líder político do país durante o presente período eleitoral. Para além dos movimentos e dos conflitos partidários, essa experiência estética, particularmente em sua dimensão coletiva e cultural, estabelece processos educacionais de caráter político radical e criativo que marcam nossos processos identitários.

Nessa perspectiva, os textos generosamente oferecidos neste livro nos incitam a refletir sobre os mais diferentes contextos e experiências socioculturais: a “arte contemporânea” ou “uma ida ao teatro no âmbito da disciplina de Antropologia Cultural”; a “formação estética docente” mediante o questionamento da “repressão da beleza”, bem como da “arte e imaginação na formação e ação docente do educador autor”; as “intervenções ciberarte/educativas pelo viés da pedagogia do acontecimento”; a busca de “provocar mudanças no ensino de música”, tanto mediante “caminhos para rupturas decoloniais e enfrentamentos antiepistemicidas” quanto por “*políticaspráticas* de uma ação intercultural”, que contribuam, inclusive, para “desfazer o regime antropo-falo-ego-logo-cêntrico da cultura moderna ocidental”; e ainda estudos sobre “processos educacionais no campo cultural da capoeira”; a “experiência estética” em cinematografia”; a experiência educativa com o videogame; a dimensão “estética do corpo na sociedade capitalista”, ou a dimensão identitária da “tatuagem no âmbito futebolístico”; por fim, a “literatura”, particularmente o significado artístico do “livro literário para a infância”.

Ao saborear este rico manancial de estudos, certamente as leitoras e os leitores se sentirão interpelados a problematizar a dimensão estética de sua prática educacional e a ressignificar suas experiências de sentir, de saber e de poder.

Reinaldo (#LulaLivre) Fleuri